



Entrevista

GENERAL HELENO: DO COMANDO DA AMAZÔNIA À COMUNICAÇÃO DO COB

Mariângela Haswani ¹

O General Augusto Heleno Ribeiro Pereira tornou-se conhecido do grande público brasileiro entre 2004 e 2005, quando da sua atuação como primeiro comandante militar da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH), composta por mais de seis mil homens, de 13 países. Mas, sua carreira militar teve início em 1969, na Academia Militar das Agulhas Negras. Seguiram-se a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, ambas concluídas como primeiro colocado – ocasião em que recebeu a medalha Marechal Hermes de prata dourada com três coroas. No exterior, participou da missão brasileira de instrução (Paraguai), foi adido militar do Brasil em Paris, com acreditação também em Bruxelas.

Polêmico, quando comandante militar da Amazônia, criticou a política indigenista do governo federal de Lula, que considerava “lamentável para não dizer caótica”, e, ainda, que os índios “gravitam no entorno dos nossos pelotões porque estão completamente abandonados” – referindo-se ao período de demarcação das terras indígenas em Raposa/Serra do Sol. E, embora

¹ Mariângela Furlan Haswani, jornalista, docente na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, pesquisa e ensina Comunicação Pública Estatal/Governamental. E-mail: haswani@usp.br

tenha defendido o movimento militar de 1964, recentemente declarou ao blog de Ricardo Setti que pregar a volta dos militares é “estupidez” e que o único caminho para o Brasil é a democracia. (<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti>)

Hoje, o general Heleno é Diretor de Comunicação e Educação Corporativa do Comitê Olímpico Brasileiro. Teve, porém, experiências anteriores no campo da comunicação como chefe do Centro de Comunicação Social do Exército, do Gabinete do Comandante do Exército, além de atuar como consultor de segurança e assuntos militares e comentarista na programação das emissoras do Grupo Bandeirantes de Comunicação.

REVISTA ALTERJOR: Na sua impressionante educação formal, em algum momento teve estudos de comunicação? Se sim, quais foram?

GENERAL HELENO: Apesar de ser apaixonado por Comunicação, não fiz nenhum estudo formal sobre o assunto. Despertei para o problema quando, ainda capitão, fui nomeado Ajudante de Ordens do Ministro do Exército, em 1977, e fui obrigado a conviver com um expressivo componente político, que se projetava na percepção do público interno e externo. Foi meu primeiro contato direto com jornalistas, no caso os que cobriam assuntos relativos ao Exército. Àquela época, tais matérias ocupavam razoável espaço na mídia. Como ainda não havia o Centro de Comunicação Social do Exército (CComSEx), tudo se concentrava no Gabinete do Ministro.

27

Em 1981, fui designado para ser assessor de Educação Física na Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai. Cumpria, em Assunção, a tarefa extra de Oficial de Relações Públicas da Missão, outra faceta interessante da Comunicação.

Em 1989, já tenente-coronel, no cargo de assistente do Ministro do Exército, mantinha contato cerrado com o recém-criado CComSEx. Com isso, participava bastante das atividades de divulgação das atividades do Exército, com ênfase no projeto de modernização da Força Terrestre, denominado FT90. Redigia alguns artigos para o Noticiário do Exército e para a Revista Verde-Oliva e assessorava o Ministro, General de Exército Leonidas Pires Gonçalves nos contatos com a imprensa.

Em 1990, fui nomeado adjunto do Gabinete Militar da Presidência da República. Coordenei dezenas de viagens presidenciais e mantive contato quase diário com jornalistas bastante qualificados, que cobriam o Palácio do Planalto. Cultivei ótimos relacionamentos e aprendi muito, inclusive sobre a importância de não se furtar a ser “fonte” e como se comportar

nesse papel. Tornei-me um autodidata e aliei a observação frequente à compulsiva leitura de documentos e livros sobre comunicação e jornalismo.

Continuei meu aprendizado em Campinas, quando assumi, em 1994, o Comando da Escola Preparatória de Cadetes. O elevado prestígio da Escola na cidade me obrigava a um intenso trabalho de relações públicas e a uma especial atenção com a imprensa local.

A nomeação para a Chefia do CComSEx, em 2002, me permitiu desfrutar, por dois anos, de uma experiência fantástica. A necessidade de atualizar meus conhecimentos, levou-me a descobrir o quanto ainda precisava aprender sobre esse ramo fascinante das ciências humanas. Quando me voluntariei para o Haiti, só lamentava o fato de deixar uma equipe maravilhosa e interromper um trabalho que me realizava a cada dia.

Mal sabia que essa vivência seria valiosa no Haiti, onde a estrutura oferecida pela ONU não atendia as exigências da imprensa brasileira e internacional. Além das tarefas internacionais, eu me vi compulsado a funcionar como um verdadeiro CComSEx, atendendo pessoalmente, quase todas as solicitações feitas pelos jornalistas nacionais e estrangeiros.

Quando voltei ao Brasil, assumi a Chefia do Gabinete do Comandante do Exército e, devido a meus laços anteriores com o CComSEx, participava de tudo que acontecia nessa área.

Promovido ao último posto da carreira, em julho de 2007, fui premiado com o Comando Militar da Amazônia, área que esbanja mistérios, lendas e realidade incríveis, e que se transformou, para mim, em um novo laboratório de experiências. A partir de uma polêmica entrevista, com inesperada repercussão nacional, fui novamente instado a gerenciar inúmeras solicitações da imprensa.

Ao ser transferido para a reserva, aceitei o convite para ser consultor de segurança e defesa do Sistema Bandeirantes e recebi, pela primeira vez, orientação específica de profissionais da mais alta qualidade. Conheci o estressante ambiente da redação, a frenética busca de notícias, a corrida incessante contra o tempo, os limites do espaço valioso da televisão. Fiquei ainda mais apaixonado pelo assunto. No Comitê Olímpico do Brasil, sigo aprendendo a cada dia.

REVISTA ALTERJOR: Verificando sua biografia, consta que chefiou o Centro de Comunicação Social do Exército Brasileiro. Quais ações o senhor destaca durante o cumprimento dessa função?

GENERAL HELENO: É preciso entender o que significa coordenar um sistema de comunicação social que pretende levar, aos públicos interno e externo, informações sobre o que se passa em uma Instituição Nacional, de um país continente como o Brasil. Mais ainda, no caso do Exército, que, pela presença em todo o território nacional, e pela diversidade de missões que cumpre, se expõe, com frequência, na mídia, sabendo que enfrenta preconceitos e má vontade de muitos que o conhecem apenas a distância.

Se essa sempre foi uma tarefa complexa, no contexto das últimas décadas, de revolução quase diária da tecnologia disponível, tornou-se um desafio fantástico. Quando cheguei ao Centro, em 2001, senti, imediatamente, que precisávamos urgente atualização em relação aos meios que a informática nos oferecia. Incentivei, insistentemente, todas as ações que se valiam desses modernos instrumentos. Precisávamos ganhar velocidade na informação. Reforcei, também, a necessidade de abrir, efetivamente, as portas dos quartéis, para que tornássemos mais conhecido o trabalho que o Exército realiza e que extrapola muito suas missões constitucionais. Continuei a realizar vários seminários, reunindo alguns ícones da imprensa nacional, para que nos passassem, sobretudo, a visão que possuíam do papel das Forças Armadas e de como nossa imagem chegava à população. Valorizei o papel da Rádio Verde-Oliva, que engatinhava na tarefa de nos aproximar do público, de uma forma simpática e sem propaganda explícita.

No CComSEx, aprendi muito mais do que ensinei.

REVISTA ALTERJOR: Militares de alta patente sempre têm conhecimentos de estratégia. O que, exatamente, fundamenta uma estratégia, na sua opinião?

GENERAL HELENO: Na minha opinião, o que fundamenta uma estratégia são objetivos estratégicos perfeitamente definidos e factíveis e a certeza de que as ações estratégicas previstas para atingi-los estão dentro da esfera de atribuição de quem formulou o planejamento. Muitos confundem estratégia, um conceito amplo, abrangente e prospectivo, com tática, uma ação de âmbito restrito, limitada no tempo e no espaço.

REVISTA ALTERJOR: A estratégia militar tem aspectos que podem ser aplicados no campo da comunicação?

GENERAL HELENO: Na verdade, a estratégia militar, pela sua natureza, exige pragmatismo, aplicabilidade, prazos definidos e resultados. Para desgosto dos pacifistas, pouquíssimos são os períodos da história em que o mundo desfrutou de paz universal. É fácil constatar que os grandes avanços nos campos da gestão, da tecnologia, da logística, da medicina, etc, aconteceram em função dos conflitos de larga escala, ocasiões em que a criatividade humana foi exigida ao máximo. Assim sendo, a estratégia militar pode, perfeitamente, ser aproveitada e aplicada no campo agitado, provocante e desafiador da Comunicação.

REVISTA ALTERJOR: Agora no Comitê Olímpico Brasileiro, existe algum planejamento de comunicação para suportar todo o processo, até o final do evento? Quais são os maiores desafios que tem encontrado na missão?

GENERAL HELENO: Assim que assumi a Diretoria de Comunicação do COB, decidi, com plena concordância da minha equipe, que precisávamos formular, diante do enorme desafio que passaríamos a enfrentar - o ciclo olímpico 2012/2016, coroado pelos Jogos do Rio de Janeiro - um plano estratégico capaz de servir de base para esse trabalho.

30

Estabelecemos três objetivos estratégicos:

- Atuar, em estreita cooperação com a Diretoria de Recursos Humanos, para elevar a autoestima e o orgulho dos integrantes do COB em pertencer ao órgão mais importante do Sistema Olímpico Nacional;
- Difundir a importância e imprescindibilidade do Comitê Olímpico do Brasil para o desenvolvimento do esporte olímpico no país;
- Conquistar espaço e relevância nas redes sociais, um revolucionário instrumento na interação com os públicos interno e externo.

REVISTA ALTERJOR: Como classifica os públicos que as ações de comunicação do COB precisam atingir? Quantas pessoas formam o público da comunicação interna?

GENERAL HELENO: No caso do COB, além da classificação ortodoxa de público interno e público externo, é pertinente acrescentar um terceiro segmento, que chamaríamos de público

vinculado, abrangendo confederações, atletas e suas equipes multidisciplinares. No público interno, incluímos os cerca de 300 colaboradores do COB.

REVISTA ALTERJOR: Como o senhor avalia a atuação dos governos (municipais, estaduais e federal) no campo da comunicação pública?

GENERAL HELENO: O Brasil é uma República Federativa e sua estrutura administrativa concede considerável autonomia aos entes federativos. Assim sendo, a atuação dos governos, em diferentes níveis, na comunicação pública, segue orientação dos respectivos governantes. Esses, por sua vez, assessorados por especialistas em propaganda, algumas vezes pautam a comunicação em interesses pessoais, político-partidários, ideológicos e trabalham de acordo com os recursos disponíveis, para divulgar o que lhes interessa repercutir junto à população. Fica difícil, portanto, avaliar essa atuação de forma global, uma vez que são posturas muito heterogêneas.

REVISTA ALTERJOR: As questões ambientais nunca tiveram tanto destaque nas preocupações internacionais e a região amazônica é uma das principais protagonistas das análises e discussões. Com sua experiência no Comando Militar da Amazônia, como vê a atual situação daquela região e quais recomendações daria à sociedade e aos governos sobre o futuro?

GENERAL HELENO: As opiniões expressas nesse item são de minha inteira responsabilidade, não sendo necessariamente idênticas às do Exército Brasileiro, do Ministério da Defesa ou do Governo Federal.

Boa parte do mundo vê o Brasil como um jardineiro da Amazônia, ou seja, devemos cuidar, juntamente com os demais países da Pan-Amazônia, dessa gigantesca área tropical e preservá-la ao máximo, para que os países carentes de recursos naturais possam utilizá-la, quando julgarem conveniente. É preciso deixar claro que a Amazônia Brasileira não é um patrimônio da humanidade, mas sim um patrimônio do Brasil. Seria no mínimo imprudente imaginar que essa região riquíssima não é alvo da cobiça internacional. No entanto, os sucessivos governos não têm tratado a Amazônia com a devida prioridade e urgência. Nada poderá garantir mais o desenvolvimento duradouro e sustentável da Amazônia do que permitir que os “povos da floresta” retirem da natureza um confortável e adequado padrão de vida.

É preciso, com urgência, contemplar a Amazônia com políticas públicas que levem à população, energia, saneamento, saúde, educação, segurança e consciência ambiental.

É fundamental monitorar, com recursos tecnológicos e efetiva presença de todos os órgãos envolvidos com segurança, os 16.700 quilômetros de fronteira terrestre, dos quais 11.500 estão em área de selva. Devemos lembrar que temos como vizinhos os três maiores produtores de cocaína do planeta. Já somos o maior consumidor de crack do mundo e o segundo de cocaína.

É inadiável a reformulação de uma política indígena falida, caótica, impregnada de ideologia alienígena, conduzida por ações irresponsáveis da FUNAI e do Conselho Indigenista Missionário. Demarcações de terras indígenas baseiam-se em laudos antropológicos forjados. Os índios seguem abandonados e servem como massa de manobra de interesses escusos de ONG estrangeiras. Demarcar, contrariando critérios históricos, terras indígenas e áreas de conservação ambiental, ao longo da fronteira, coincidindo com vastas reservas de minerais valiosos, é um sério risco à soberania nacional.

Hoje, somente as Forças Armadas, sobretudo o Exército, vivificam, de forma permanente e abnegada, aquela área. É urgente que as demais instituições do Estado Brasileiro se façam presentes na faixa de fronteira. Integrar a Amazônia ao resto do país, pode transformá-la em modelo mundial de sustentabilidade. Caso contrário, a imensa floresta, que um dia chamaram de Paraíso Verde, poderá se transformar em “Paraíso do Ilícito”.

REVISTA ALTERJOR: As missões no Paraguai e no Haiti acrescentaram alguma à sua formação e à sua maneira de ver a vida?

GENERAL HELENO: No Paraguai, não se tratava de missão de paz. Fui adjunto, na área de Educação Física, da Missão Militar Brasileira de Instrução. Éramos treze oficiais, encarregados de assessorar os diversos setores das Forças Armadas do país amigo.

No Haiti, fui o primeiro comandante da Força de Paz, que reunia contingentes de quatorze nações. Uma fantástica experiência pessoal e profissional. Vivenciei o início da Missão das Nações Unidas, cuja finalidade primordial era evitar uma guerra civil de consequências imprevisíveis. Precisávamos proporcionar a uma das sociedades mais miseráveis e instáveis do planeta, um ambiente seguro e estável, essencial para que as instituições nacionais voltassem a funcionar. Só assim, aconteceriam eleições diretas, livres e transparentes capazes de, no prazo de dois anos, fazer do Haiti um país democrático, independente e soberano. A inexistência de

um setor, na estrutura da MINUSTAH, para atender as inúmeras solicitações da mídia internacional, me proporcionou a experiência gratificante de assumir pessoalmente essa responsabilidade. Ali pude vivenciar intensamente, em vários idiomas, todos os aspectos que cercam as atividades de Comunicação Social em uma situação de crise, envolvendo órgãos de imprensa motivados por diferentes interesses. Contei com a inestimável ajuda da Seção de Comunicação Social da Brigada Brasileira (única tropa que dispunha de militares dedicados a essa tarefa) e dos meus dois assistentes-secretários.